

Desenvolvimento local em áreas rurais de baixa densidade: uma proposta de intervenção para as Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva¹

Local development in rural areas of low density: an intervention proposal for the Historical Villages of Portugal Trancoso and Marialva

Paula Reis

Resumo

Ao longo das últimas décadas, as áreas rurais de baixa densidade têm vindo a sofrer constantes mutações, oriundas de modelos de desenvolvimento e políticas sectoriais. Neste quadro, emergem novos conceitos e funcionalidades, que conduzem a uma alteração substancial na forma de encarar o espaço rural e, conseqüentemente, o modo como as estratégias de desenvolvimento a implementar nestes espaços deverão ser conduzidas.

Nesta perspectiva a grande aposta para o futuro, ao nível da revitalização do mundo rural passa por intervenções directas junto das comunidades locais, procurando-se aproveitar as vantagens locais e pelo estímulo de actividades que valorizem e incrementem o uso sensato dos recursos existentes, em complementaridade com a actividade agrícola, ponderando, de forma sistemática, os impactos sociais, culturais e ambientais de todo o processo. Uma estratégia de trabalho assumida na proposta de intervenção para as duas Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva.

Palavras-chave: *desenvolvimento local; áreas rurais de baixa densidade; Aldeias Históricas de Portugal*

Abstract

Over the last decades, rural areas of low density have been undergoing constant changes, derived from models of development and sectoral policies. In this context, emerge new concepts and features, leading to a substantial change in the way of facing the countryside and hence the mode how to implement development strategies in these areas.

In this perspective the big bet for the future, the level of revitalization of rural undergoes direct interventions with local communities, seeking to take advantage of the stimulus locations and activities that complementary from farming, pondering, systematically, the social, cultural and environmental aspects of the entire process. A working strategy assumed in the proposed intervention for the two Historic Villages of Portugal from Trancoso and Marialva.

Keywords: *Local development; low density of rural areas; Historical Villages of Portugal*

Introdução

No período pós 2.^a Guerra Mundial pensou-se que o crescimento económico criaria, de uma forma sustentável, as condições de bem-estar e qualidade de vida das populações. Actualmente, reconhece-se que, apesar do crescimento constituir importante contributo para o processo de Desenvolvimento, dificilmente se pode ignorar que a economia desenquadrada de outras dimensões como sejam o bem-estar social, a animação cultural

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

e a preservação do ambiente natural, não conduz à sustentabilidade dos recursos e, neste sentido, não produz nem promove o verdadeiro Desenvolvimento. Portugal não constitui excepção a esta realidade. O interior do país, marcado essencialmente pela ruralidade, continua a estar esquecido, dependente da centralidade, com uma população envelhecida e empobrecida, desmotivada e descrente no futuro.

Existem, contudo, recursos, potencialidade e sinergias capazes de inverter esta tendência negativa. Às tradicionais funções do mundo rural juntam-se novos serviços e novas representações simbólicas. O estado de relativa preservação ambiental do espaço rural, a necessidade crescente de amplas zonas de lazer e de descompressão física e psicológica das populações urbanas, a qualidade da gastronomia local, a cultura, a autenticidade e o poder simbólico do mundo rural são novas mais valias que podem e devem ser tomadas em consideração em qualquer estratégia de desenvolvimento local, nomeadamente quando no quadro dessa estratégia se pretender promover a actividade do turismo.

Quando se equacionam estratégias de desenvolvimento de locais de características rurais existe, infelizmente, a tendência para delinear estratégias assentes em pressupostos seguidos para a promoção do desenvolvimento de locais urbanizados. Isto é, considera-se que o desenvolvimento das zonas rurais se deve aproximar dos padrões de vida, comportamentais e de convivência das zonas industriais e urbanas, consideradas “desenvolvidas”. Na nossa perspectiva, esta visão assenta no falso pressuposto de que zonas “desenvolvidas” estão associadas a regiões urbanizadas e zonas “sub-desenvolvidas” ou mesmo “atrasadas” estão associadas a regiões de características rurais.

Em Portugal, são abundantes os casos em que a regeneração e a promoção (turísticas, arquitectónicas, ambientais, culturais...) criaram não lugares ou lugares vazios de dinâmicas, tanto no que diz respeito às suas velhas funções, como às suas novas vocações. A maior parte das Aldeias Históricas de Portugal, a maior parte das aldeias da serra da Lousã, a maior parte dos lugares que integram a Rede das Aldeias de Xisto, as aldeias vinhateiras, entre outros casos, podem constituir-se como exemplos de como a regeneração nem sempre redundava em significativos ganhos económicos e sociais, sobretudo para os locais. Ou de como, mesmo quando neles resultam, transformam

esses lugares em recriações de uma espécie de ruralidade *made in China*, em que o que se oferece, o que se sonha o que se deseja parece ser global e não como todas as políticas de desenvolvimento rural proclamam como sendo absolutamente necessário – local, endógeno e específico. Em parte, isto sucede porque estas intervenções sejam públicas ou privadas derivam mais de exigências e olhares exteriores do que das necessidades internas e são, igualmente desenvolvidas por agentes externos ao mundo rural. Paralelamente, existe uma grande descoincidência no tempo das intervenções, porque existe uma variedade no tempo dos actores sociais, dos agentes políticos e até do próprio espaço geográfico (Figueiredo, 2003), ou seja, há uma negligência no tempo que existe para proceder à reanimação de um território, sem esquecer a falta de recurso aos instrumentos metodológicos que qualquer processo de desenvolvimento proclama como necessário – planeamento.

Mas será que haverá soluções milagrosas para certas situações em Portugal que parecem não ter volta a dar? Existem áreas rurais que parecem não ter volta a dar, muitos dos programas de financiamento, medidas e instrumentos de planeamento chegaram tardiamente, ou seja, existem aldeias que a população é reduzida e idosa, onde não nasce uma única criança e outras que simplesmente os actores do território desapareceram, em que a sua história morreu juntamente com os que partiram.

Neste contexto, a nossa estratégia formulou-se em função do conhecimento obtido, do qual resulta uma proposta de intervenção/acção e que combina com uma configuração estratégica que se revelou mais adequada ao estádio em que se encontra o território, no que concerne à valorização sócio-económica do binómio Turismo/Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva.

2. As áreas rurais de baixa densidade: transformações e dinâmicas de desenvolvimento local

Nas últimas décadas, em muitas regiões e países, os contornos do espaço rural foram-se alterando, ainda que com uma grande diversidade, decorrente das características e dinâmicas de cada contexto socioeconómico. Mercê dessas transformações, uma boa parte dos territórios rurais atravessa hoje processos mais ou menos profundos de redefinição, de reestruturação, de reconfiguração e, até, de reinvenção ou recriação.

As alterações sofridas, nas zonas rurais portuguesas estão relacionadas com o modelo de desenvolvimento económico adoptado – paradigma funcionalista, do forte êxodo da década de 60, uma maior abertura da económica do país e a crescente modernização da agricultura, consequências dos efeitos das políticas sectoriais agrícolas e regionais. Foram depois, os acontecimentos dos anos pós 1974, que sucedeu um período de instabilidade económica, social e governativa que se estendeu até meados do decénio seguinte, embora com maior força até 1976, período que decorreu a Reforma Agrária e contra-Reforma Agrária. Registaram-se, ainda, os efeitos dos anos oitenta e noventa da nossa integração na Comunidade Económica Europeia (políticas sectoriais e territoriais), actualmente designada União Europeia, que comandou uma recuperação económica assistida, acompanhada de estabilidade política (Baptista, 2011).

Nos finais dos anos 80, a Comissão Europeia traduziu bem o papel das áreas rurais, com o reforço de medidas estruturais que valorizam os espaços rurais numa perspectiva ambiental e paisagística (agro-ambientais), e reforçaram-se os caminhos de diversificação de actividades e funções das explorações agrícolas e dos agricultores – renascimento das zonas rurais. As vocações do mundo rural foram-se alterando ou readaptando à necessidade de atracção e de captação de dinheiro e pessoas, transformando aldeias de produção agrícola em lugares de consumo de actividades de turismo, recreio e reprodução de alimentos típicos e tradicionais, um rural que sobrevive para ser consumido ou para ser palco de múltiplos consumos. A questão da preservação e protecção do mundo rural é, cada vez mais, entendida como uma questão principal para os actores económicos, sociais, políticos e instituições oficiais.

Perante este cenário de depressão dos territórios de baixa densidade, diversas entidades têm procurado contrariar ou atenuar os efeitos prejudiciais ao nível do êxodo rural e do envelhecimento demográfico. Vários programas e projectos têm procurado solucionar os problemas destes territórios com intervenções de revitalização sócio-económica, fixação de população, reforço do investimento público e da promoção turística, sendo o caso do programa das Aldeias Históricas de Portugal (Região Centro). Esta iniciativa, lançada no âmbito do Quadro Comunitário de Apoio II (Programa Operacional da Região Centro, nomeadamente a Acção Integrada de Base Territorial “Acções Inovadoras de Dinamização das Aldeias”), abrangeu uma dezena de aldeias¹.

As estratégias de desenvolvimento dos territórios rurais têm vindo a apontar o Turismo como um dos sectores fundamentais para o desenvolvimento de territórios menos favorecidos, pois potencia a sua reconstituição e preservação, contribui para o desenvolvimento da economia local, através da criação de novos empregos, quer na área do Turismo, quer na área das actividades artesanais e proporciona outras fontes complementares de rendimentos (Cavaco, 1999).

As recentes transformações tem desencadeado, nas áreas rurais, novas dimensões e novos valores como espaços de recreio e lazer, como espaços de reserva de recursos e bens ambientais e também como espaços de memória e herança cultural (Figueiredo, 2011:16). Ou seja, o conceito de rural tende a ganhar novos contornos como consequência das transformações que têm tido nos vários territórios. Por outro lado, o rural tende a distanciar-se cada vez mais de uma concepção sectorial que assentava tradicionalmente nas actividades agrícolas.

Deste modo, presencia-se a proliferação de actividades de turismo, recreio e lazer para as populações urbanas e da produção de valores simbólicos (Reis, 2001: 41). Na sua obra Miguel Carvalho (2009), citado por Álvaro Domingues, refere que na actualidade, *“as nossas aldeias estão condenadas a ser o recreio das pessoas da cidade”* (Domingues, 2011:146), uma opinião partilhada por João Ferrão (2000), que designa esta crescente utilização, pelos cidadãos, de espaços rurais para fins lúdicos como ludificação territorial, através de novas formas de re-invenção do rural com o processo de turistificação ou de patrimonialização (Peixoto, 2002).

Para o geógrafo João Ferrão, este género de processo, organiza-se em redor de quatro elementos: a ruptura explícita e deliberada com a função “clássica” dos campos (produção de alimento/actividade agrícola); a valorização da dimensão não agrícola do mundo rural, a partir da ideia de património, sustentada quer em ideias de renaturalização do espaço rural, quer de procura de sinais de autenticidade ou mercantilização das paisagens; transformação do mundo rural em espaços multifuncionais com valor patrimonial; a crescente abordagem do rural à luz de uma nova concepção: a dos espaços de baixa densidade, não apenas física, mas também relacional (Ferrão, 2000).

Hoje, o mundo rural é um lugar de encenação, repleto de representações, por certas fracções de populações urbanas, recriando e reinventando à imagem e semelhança das representações urbanas – imaginário rural, sobre o qual se constroem as novas vocações destes espaços, como por exemplo o caso de Óbidos. Assiste-se a apropriação destas áreas rurais como áreas de pleno consumo (áreas comercializáveis), sem grandes estratégias de diferenciação, existindo, uma apropriação da própria paisagem com estratégias de marketing. Por vezes, sucede que o território não dispõe do factor diferencial, ele é inventado, como sucedeu com o festival de chocolate de Óbidos com o objectivo de atrair o maior número de turistas e visitantes, mas o chocolate não possui nenhum relacionamento com a história da cidade. Na eminência deste cenário é levantada uma questão: espaço rural ou recreação?

Nos últimos anos, tem crescido a transformação do rural em paisagens recriadas, criando fossos entre o carácter utilitário das áreas rurais, uma especificidade atribuída pelas gentes locais a contrapor ao carácter de folclorização e museificação de visitantes e Estado.

Uma situação que provoca conflitos na rede de actores, mais concretamente entre estes últimos e os residentes, em muitas situações não existe uma envolvimento nos processos de desenvolvimento local ou regional da população local, o que provoca um sentimento de perda de pertença ou autenticidade destes territórios, com a mudança dos hábitos quotidianos dos habitantes locais, sendo um dos principais transtornos, preconizados pelo Estado através da vinculação de programas e medidas, que vinculam um rural orientado para o exterior. Um desses casos, é o programa das Aldeias Históricas de Portugal, aonde, decorreu diversas intervenções em infra-estruturas mas hoje são apenas cenários, palcos vazios de actores locais e não locais. Em parte, isto acontece porque estas intervenções derivam de olhares externos à comunidade – museificação. Na rota deste exemplo, emerge um vasto conjunto doutras aldeias típicas, de festivais, de alojamentos, de paisagens, etc, com fracas estratégias de diferenciação e muitas semelhanças na sua produção. Mas qual será a viabilidade socioeconómica destas aldeias sem apoios estatais? Haverá vida nestas áreas rurais sem programas de financiamento e políticas mais relevantes?

As diversas políticas públicas promovidas nos últimos anos registam uma grande dificuldade de actuação, perante esta realidade que gera um ciclo de causalidade cumulativa nos territórios de baixa densidade, quer ao nível de empreendedorismo inovador e gerador de actividade económica, que automaticamente gera desemprego, perda demográfica e de recursos com qualificações e coloca em causa todo o esforço ao nível de serviços e infra-estruturas realizado. Alguns autores defendem o combate urgente desta trajectória de espaço museu num claro esforço de reconquista e revitalização territorial.

3. Metodologia

Face as especificidades do estudo, a escolha da metodologia centrou-se numa triangulação de métodos, isto é, uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos: inquérito por questionário, inquérito por entrevista e estudo de casos (ver quadro 1) com vista a enriquecer os resultados da investigação de carácter exploratório-descritivo. Apesar, de tradicionalmente estes dois métodos de investigação estarem associados a paradigmas distintos, muitos investigadores defendem a combinação dos dois métodos na resolução de um problema de pesquisa (por exemplo, Brewer e Hunter, 1989; Bryman, 1992), porém, outros autores apresentam opiniões contraditórias à combinação das duas metodologias, por razões de ordem teórica e epistemológica (Brannen, 1992).

Quadro n.º 1 – Dimensão de abordagem pelos métodos utilizados para a investigação realizada

Métodos	Dimensão	Público-alvo
Inquérito por questionário	Caracterizar a população das aldeias históricas; conhecer as percepções dos residentes sobre turismo na aldeia histórica; aferir a relação entre turismo e desenvolvimento na aldeia histórica e; as perspectivas futuras de intervenção e rentabilização dos recursos endógenos na aldeia histórica.	Amostra estratificada proporcional: sexo, idade (entre 15 e os 65+ anos) e aldeia histórica (Trancoso e Marialva) – 350 habitantes
Entrevistas semi-directivas	Identificar as principais potencialidades e condicionantes ao desenvolvimento do turismo; aferir as actividades de animação turística; determinar as medidas/iniciativas para a concepção de produtos turísticos; perceber as dinâmicas criadas para a competitividade do destino e o envolvimento em rede com as outras aldeias.	Amostragem intencional – 7 informantes-chaves: representantes das autarquias, de associações de desenvolvimento local e empresários locais

Estudo de casos múltiplo (inquérito por questionário)	Caracterizar a procura e a oferta turística nas aldeias históricas; e aferir a percepção sobre o desenvolvimento de circuitos turísticos.	Estudo de casos aos visitantes das duas A.H.P. (8 casos)
--	---	--

Fonte: Elaboração própria

Para analisar as diferentes dimensões dos inquéritos por questionário à população local, utilizou-se uma serie de testes estatísticos com o recurso à análise de distribuição de frequências – análise univariada, e para se efectuar a análise bivariada, no sentido de relacionar as variáveis, utilizou-se testes estatísticos: o Qui-quadrado, no das variáveis nominais e o Teste de U Mann-Whitney, no caso das variáveis ordinais, sempre que possível (Pestana e Gageiro, 1998). Ao nível da análise e interpretação da informação obtida junto dos informantes-chave e dos visitantes das aldeias históricas, foi realizada através da análise de conteúdo com base na modalidade categorial temática.

3. Proposta de intervenção: Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva

As duas aldeias históricas que integram a Rede das Aldeias Históricas de Portugal são uma pequena amostra da realidade transversal da restante rede. As duas aldeias históricas localizam-se entre o Vale do Douro e a Serra da Estrela, a leste fazem fronteira com Espanha e a oeste com o rio Dão, no interior da Beira Interior Norte – NUT III, na parte noroeste do distrito da Guarda.

Nas duas aldeias, o sector primário tem vindo a perder importância, praticada, essencialmente, de forma tradicional e como agricultura de subsistência por uma população envelhecida, verifica-se uma predominância clara das actividades não agrícolas, incidindo, principalmente, no sector terciário. Trancoso apresenta uma maior diversidade de comércio e serviços, estando Marialva em situação oposta pelas diferentes funcionalidades administrativas. As actividades de animação turística são, nas duas aldeias históricas, relativamente escassas.

Apesar de haver consenso quanto às melhorias registadas na aldeia histórica de Marialva com as intervenções do Programa das Aldeias Históricas de Portugal, nomeadamente na recuperação dos arruamentos da aldeia, nas canalizações, nas fachadas das casas, na recuperação do património e investimentos privados. Esta

realidade desmorona-se, quando, abordamos a população da aldeia histórica de Trancoso, segundo os inquiridos, este projecto não trouxe benefícios a verificar-se pela ausência de notoriedade e desconhecimento do projecto das Aldeias Históricas de Portugal. No geral os inquiridos têm a percepção de que a dinâmica criada com o projecto das Aldeias Históricas foi fraca.

O quadro seguinte apresenta as percepções dos habitantes, informantes-chave e visitantes das Aldeias Históricas de Portugal, perfazendo uma síntese da visão destes actores quanto aos pontos fortes, pontos fracos e oportunidades das duas aldeias históricas, nas diferentes dimensões. Em síntese, o quadro que se apresenta é, um retrato transversal da própria Rede na sua globalidade e da própria região.

Quadro nº 2 – Pontos fortes, pontos fracos e oportunidades das Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva

Dimensões	Aspectos assinalados
Pontos Fracos	População envelhecida; Ausência de actividades económicas/debilidade do sector primário; falta de investimentos públicos e privados; falta de oferta ao nível da restauração, de museus e exposições, de actividades de animação turística e de merchandising (gastronomia/artesanato); desaproveitamento dos recursos endógenos; pouca intervenção do poder local; fraca divulgação e rentabilização do Programa das Aldeias Históricas; ausência de cooperação inter-concelhia; fragilidades na conservação do património; falta de recursos humanos qualificados na área do turismo; falta de sinalização de alguns pontos de interesse; inadequado horário do posto de turismo e tempo de permanência de turistas e visitantes curto – “ponto de passagem” e ausência de operadores turísticos.
Pontos Fortes	Património; paisagens e natureza; gastronomia; cultura local; produtos locais (vinho, azeite, castanha, mel, queijo e fumeiro); festas e festividades religiosas; usos e costumes; artesanato; clima; turismo de aldeia; saber-fazer do mundo rural; boas acessibilidades e centralidade geográfica; segurança e sossego.
Oportunidades e Iniciativas	Promoção do património, paisagem, gastronomia, produtos regionais e da oferta turística (alojamento, restauração e artesanato); feiras e mercados; aparecimento de investimentos; redescoberta e projecção de sítios de valor turístico; criação de infra-estruturas de apoio e criação de circuitos temáticos.

Fonte: Elaboração própria

Partindo da análise do quadro 2 elaborado na fase de diagnóstico, foi definida a estratégia de desenvolvimento para as duas aldeias históricas, com a apresentação de uma proposta de intervenção.

Nesta linha, a proposta de desenvolvimento local para as aldeias históricas tem como objectivo primordial definir a estratégia integrada de actuação do turismo nestas aldeias históricas e contextualizar os vários agentes locais na afirmação desta estratégia, dotando-as de um conjunto de intervenções que contribuam para afirmar o desenvolvimento turístico, tirando partido dos recursos endógenos que se integram no binómio Turismo/Aldeias Históricas e que sustentam a estratégia de desenvolvimento local. A estratégia de desenvolvimento local preconizada é consubstanciada através da análise dos contextos que motivam a procura de novas práticas ligadas ao turismo cultural, patrimonial e de natureza.

Assim, pretende-se com esta estratégia dinamizar um processo de desenvolvimento económico-social, de valorização e fruição sustentada das Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva, conducente a maiores níveis de atractividade territorial, de fixação de população e que alcance níveis mais elevados de qualidade de vida através da geração de maior valor acrescentado, criação de emprego e formação de recursos humanos e qualificação da oferta, em estreita consonância com a estratégia delineada pelos vários regulamentos estratégicos de nível municipal, regional, nacional e comunitário².

Assim, que actividade turística tem potencial de desenvolvimento nas Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva, que estruture um novo perfil de especialização económica e assegure novas capacidades competitivas e desencadeie sinergias de qualidade de vida das populações assim como sustentabilidade no longo prazo?

A informação obtida junto dos intervenientes locais mostrou um cenário favorável de uma estratégia de desenvolvimento local baseada numa opção de fundo: dinamizar e explorar as actividades turísticas, como via de promoção e valorização dos recursos endógenos das Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva, para alavancar um novo ciclo de desenvolvimento económico e social.

A análise ao diagnóstico deixa transparecer as potencialidades do território, pese embora a verificação de algumas carências relevantes, as Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva são consideradas um local privilegiado para o incremento de um: turismo integrado, de autenticidade, excelência e diversidade. Em que a sua implementação e desenvolvimento assenta numa estratégia distinta e única, assente em três pilares: património construído, recursos naturais e paisagísticos, cultura, tradição/usos e costumes de uma ruralidade.

Dessa forma, a estratégia proposta passa pela exploração deste mosaico de recursos endógenos das Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva, conjugando diferentes dimensões de sustentabilidade – criação de produtos únicos. Este agregado de recursos endógenos, e não apenas cada uma das suas especificidades territoriais, forma o macro recurso endógeno que se projecta valorizar nestas aldeias históricas, de molde a despoletar uma nova dinamização de desenvolvimento das actividades turísticas e culturais e, por estas e pelas sinergias que criarão contribuir para um processo sustentado de desenvolvimento socioeconómico social e cultural deste território.

A congregação destes princípios acima definidos articulam-se ao desiderato de impulsionar as Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva a um processo dinâmico de transformação no sector turístico, procurando atingir: um desenvolvimento harmonioso e equilibrado; daí resultando um crescimento sustentado da actividade; ao mesmo tempo que se fazem expandir os seus efeitos para áreas adjacentes.

Esta estratégia de desenvolvimento turístico pretende:

- Adoptar um padrão de melhores práticas para o desenvolvimento local;
- Promover e consolidar um produto turístico considerado estratégico;
- Promover a competitividade do território – destino turístico;
- Valorizar os recursos endógenos do território para o desenvolvimento das actividades turísticas e dinamização local;
- Proteger e valorizar os recursos culturais, ambientais e das paisagens que marcam a identidade das Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva;
- Estimular formas de cooperação e parcerias locais e regionais, e um sistema de actividades mais consistente e sinérgico.

Tomando como orientação estas linhas estratégicas com a integração de circuitos turísticos nas Aldeias Históricas de Portugal de Trancoso e Marialva, foi então definido um quadro geral de objectivos estratégicos sistematizados em objectivos estruturantes, que inclui os objectivos de integração (I) e de qualificação e sustentabilidade (Q) e objectivos operacionais (O).

Quadro nº 3 – Quadro geral de objectivos estratégicos

Objectivos gerais e de integração (I):
<p>I1. Promover o desenvolvimento integrado de produtos turísticos, criando complementaridades interterritoriais;</p> <p>I2 Potenciar o crescimento da actividade turística como mecanismo de desenvolvimento sócio-económico em inter-ligação com o meio ambiente;</p> <p>I3. Valorizar o património cultural, ambiental e natural em plena articulação com as particularidades das Aldeias Históricas no domínio do Turismo;</p> <p>I4. Consolidar a identidade das Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva como destino turístico, na projecção de circuitos turísticos temáticos;</p> <p>I5. Dar visibilidade ao turismo como factor contributivo no quadro de relações intersectoriais e no alargamento do mercado de emprego.</p>
Objectivos específicos de qualificação e sustentabilidade (Q)
<p>Q1. Desenvolver e manter actualizado um estado de espírito de qualificação, planeamento, estruturação, organização e promoção da oferta, reforçando a respectiva atractividade em conexão com a valorização do ambiente histórico, económico e social, natureza, cultura e tradição;</p> <p>Q2. Criar e manter actualizado um calendário de actividades e eventos que assegure notoriedade ao destino e o enriquecimento da experiência do turista;</p> <p>Q3. Sensibilizar os actores locais do sector privado para as oportunidades de investimento abertas, principalmente no ramo turístico da animação turística e restauração;</p> <p>Q4. Criar uma rede de infra-estruturas e serviços de oferta de modo a transformar o número de visitantes em turistas;</p> <p>Q5. Preservar, recuperar e proteger o património edificado, os recursos naturais e culturais em articulação com as entidades locais, regionais e nacionais.</p>
Objectivos Operacionais (O)
<p>O1. Estimular a criação de novos serviços turísticos e distribuídos de forma uniforme nas Aldeias Históricas;</p> <p>O2. Operacionalizar um crescimento sustentado dos fluxos de turistas visando especialmente circuitos turísticos temáticos;</p>

- O3.** Aumentar a estada média dos turistas, rentabilizando/jogando com a situação geográfica, com a criação de produtos e serviços amplos por todo o território;
- O4.** Fazer crescer a receita média diária por turista principalmente ao nível da hotelaria, através de uma melhor integração entre a oferta dos vários serviços prestados aos visitantes e turistas;
- O5.** Diminuir a sazonalidade da procura turística;
- O6.** Segmentar o espaço turístico, gerando sinergias entre espaços e produtos turísticos;
- O7.** Melhorar e valorizar o profissionalismo na actividade turística, através do desenvolvimento de um processo de formação profissional contínuo e consolidar uma cultura de bom acolhimento ou hospitalidade;
- O8.** Afirmar uma imagem turística atractiva.

Fonte: Elaboração própria

Como horizonte temporal da presente proposta de intervenção foi considerado um período de oito a dez anos. De qualquer forma, será desejável e muito importante que na aplicação concreta deste horizonte temporal, se processe uma compatibilização com o período de aplicação do planeamento económico global de toda a Região que abrange as Aldeias Históricas de Trancoso e Marialva.

Na linha das objectivos apresentados na estratégia de desenvolvimento turístico, para que possam atingir o sucesso desejado, e na ausência de uma entidade gestora e fomentadora do desenvolvimento das actividades turísticas e culturais no sentido de criar uma dinâmica apoiada de investimento, que permita abrir o progresso da oferta e desencadear acções promocionais, torna-se necessário criar uma rede de trabalho pluridisciplinar, com uma estrutura sólida e organizacional capaz de incentivar, gerir, monitorizar e avaliar a implementação dos circuitos turísticos e todas as acções adjacentes, ou seja, “pilotar a estratégia”. A proposta de intervenção assume-se como um instrumento que de forma integrada de longo prazo, envolvendo os vários agentes sociais e económicos, durante todo o processo.

A governança moderna é, contudo, exigente em partilha dos meios e de responsabilidades, o que exige aos diversos actores e protagonistas em presença, um esforço de abertura a novos modelos de gestão e exploração turística do destino. É neste âmbito que sugerimos a criação de uma Agência de Desenvolvimento e Marketing Territorial das Aldeias Históricas, para que a proposta de desenvolvimento que se lançou possa produzir resultados esperados.

Conclusões

O texto que acabamos de produzir procurou, a partir de um estudo exploratório-descritivo, traduzir a realidade de duas aldeias históricas que integram a Rede, são uma pequena amostra da realidade regional e nacional, que representam um conjunto de reflexões e preocupações entre estudiosos e instâncias nacionais e comunitárias, mas estamos ainda longe da luz ao fundo do túnel.

De facto, está ainda por implementar um modelo de desenvolvimento capaz de devolver a estas regiões o lugar que elas deverão ocupar no quadro regional, nacional e europeu. A Rede das Aldeias Históricas de Portugal constitui um exemplo claro da necessidade de intervenção e implementação de medidas conducentes ao seu desenvolvimento. É necessário, neste sentido, tirar partido dos pontos fortes que as Aldeias Históricas de Portugal, em particular, apresentam para dessa forma traçar as estratégias de desenvolvimento mais adequadas.

Não nos devemos esquecer, contudo, que o processo de desenvolvimento a desencadear, não deverá ter como finalidade única o desenvolvimento económico da rede, mas sim o desenvolvimento integrado dos principais sectores de actividade, entre os quais o turismo e agricultura. Só através do desenvolvimento articulado e concertado de todos os sectores locais se poderá alcançar o desenvolvimento económico da região.

É dentro deste quadro que se entendeu que o Turismo, sob a forma de circuitos turísticos temáticos, podem constituir um motor de desenvolvimento das Aldeias Históricas de Portugal, visto que, possibilitam pela sua natureza o aproveitamento racional e sustentado dos recursos endógenos existentes, bem como contribuem para o renascimento e para o futuro dos espaços rurais.

Os espaços rurais serão no futuro aquilo que a evolução da economia e da sociedade permitirem e aquilo que todos quisermos que eles sejam.

Notas de texto

¹ A rede das Aldeias Históricas de Portugal é composta por: Piódão, Marialva, Linhares da Beira, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Mendo, Sortelha, Castelo Novo, Monsanto, Idanha-a-Velha, Trancoso e Belmonte.

² Plano Estratégico de Desenvolvimento Rural 2007-2013; PROT – Plano Regional de Ordenamento do Território do Centro; PROVERE – Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos; PRODOR – Programa de Desenvolvimento Rural;

Referências Bibliográficas

Baptista, Fernando, “Os contornos do rural”, in Elisabete Figueiredo (Coord.) (2011), *O Rural Plural – Olhar o Presente, Imaginar o Futuro*, Castro Verde, 100 Luz, pp. 49-58.

Brannen, J. (1992), “Combining qualitative and quantitative approaches: an overview”, in Brannen, J. (Ed.), *Mixing Methods: qualitative and quantitative research*, Ashgate, pp. 3-37. 23.

Brewer, J. & e Hunter, A. (1989). *Multimethod Research. A Synthesis of Styles*. Newbury Park: Sage.

Bryman, A. (1992), “Quantitative and qualitative research: further reflections on their integration”, in Brannen, J. (ed.), *Mixing Methods: qualitative and quantitative research*, Ashgate, pp. 57-78.

Cavaco, Carminda, “O Mundo Rural Português: Desafios e Futuros”, in Carminda Cavaco (Coord.) (1999), *Desenvolvimento Rural: Desafio e Utopia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 135 – 148.

Domingues, Álvaro (2011), *Vida no Campo*, Porto, Dafne Editora.

Ferrão, João (2000), “Relações entre o Mundo Rural e Mundo Urbano – Evolução Histórica, Situação Actual e Pistas para o Futuro”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº33, pp.45-54.

Figueiredo, Elisabete, “«Quantas mais “aldeias típicas” conseguimos suportar?» Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local em meio rural” in Orlando Simões e Artur Cristóvão (org.) (2003) *TER – Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, pp. 65-81.

Figueiredo, Elisabete, “Um rural cheio de futuros?”, in Elisabete Figueiredo (Coord.) (2011), *O Rural Plural – Olhar o Presente, Imaginar o Futuro*, Castro Verde, 100 Luz, pp. 13-46.

Peixoto, P. (2002), “Os Meios Rurais e a Descoberta do Património”, *Cadernos Oficina do Centro de Estudos Sociais*, nº 175.

Pestana, M. e Gageiro, J. (1998), *Análise dos dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*, Edições Sílabo, Lisboa.

Reis, José (2001), “ A globalização como metáfora de perplexidade? Os processos geoeconómicos e o «simples» funcionamento dos sistemas complexos”, in Santos, Boaventura de Sousa (Org.). *Globalização. Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento, pp. 111-134.

Notas sobre a autora

Email: paula.reis@ipportalegre.pt

Afiliação Institucional: Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre

Nota biográfica:

Licenciada em Sociologia, mestre em Turismo (Especialização em Turismo e Desenvolvimento) pela Universidade de Évora e doutoranda em Turismo, Lazer e Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Os principais interesses de investigação incidem em: Sociologia Rural e Urbana, Turismo, Desenvolvimento e Planeamento (metodologia e instrumentos de intervenção). Colaboradora e investigadora do Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre.